

# AQUISIÇÃO DE ALTERNÂNCIA CAUSATIVA NO PB

Teresa Cristina WACHOWICZ<sup>1</sup>  
Irineu Natal DEROSSO JÚNIOR<sup>2</sup>

**RESUMO:** O objetivo deste trabalho é analisar produção de alternâncias causativas por crianças em fase de aquisição de linguagem. Pinker (1989) defende a hipótese de que há uma estrutura semântica no léxico verbal que determina sua estrutura sintática ou argumental. A entrada lexical do verbo é semanticamente estruturada e prevê dois tipos de regras: as ‘largas’, conservadoras, associadas à configuração da estrutura argumental, e as regras ‘estreitas’, transgressoras, associadas a casos figurativos das construções tanto das crianças quanto de adultos. A partir dessa hipótese, defendemos a hipótese de que há uma restrição dos verbos, já sensível às crianças, associada a regras ‘largas’, que bloqueia a alternância causativa em situações referenciais em que o objeto direto recebe o papel semântico-aspectual de tema incremental (DOWTY, 1991). Por outro lado, há uma regra ‘estreita’ de causativização que permite exceções do tipo “Me corre” (B., 3;3,17). Realizamos um experimento com o método da produção eliciada (CRAIN; THORTON, 1998) em crianças de duas diferentes escolas de Curitiba/PR. Em situação com objeto não-incremental, a tendência foi a produção de estruturas inacusativas, do tipo “caiu”, ou de estrutura alternante do tipo “quebrou”; já em situação incremental, não houve produção de alternância.

**PALAVRAS-CHAVE:** Aquisição de linguagem. Alternância causativa.

## Introdução

Este artigo tem como objetivo investigar restrições semânticas no fenômeno da alternância causativa em dados de aquisição do português brasileiro (doravante PB).

A alternância causativa, também nomeada como “causativo-incoativa” ou “ergativa” (LEVIN, 1993), reside em fenômenos de movimento de DPs em posições argumentais, tais como em (1) e (2):

<sup>1</sup> UFPR/Fundação Araucária. *email:* tecacw@gmail.com

<sup>2</sup> IC-UFPR. *email:* irineu\_jr88@hotmail.com

- (1) João quebrou a bolinha > A bolinha quebrou.
- (2) João desligou o carrinho > O carrinho desligou.

No PB, assim como em outras línguas, há restrições da ocorrência em determinadas situações, tais como em (3) e (4):

- (3) João leu o livro > \* O livro leu.
- (4) João tomou o suco > \* O suco tomou.

A literatura da área já postulou hipóteses sobre essa restrição, especialmente para o inglês, que versam, sobretudo, sobre a impossibilidade de retirar o argumento interno do VP quando este exprimir uma semântica de “efeito holístico”, em que o objeto, ou sua extensão física, a grosso modo, responsabiliza-se pela configuração temporal do evento, construindo o fenômeno conhecido como “homomorfismo” (ROTHSTEIN, 2004; KRIFKA, 1998), em que o objeto é “tema incremental” (DOWTY, 1991), pois aloca o primitivo cognitivo de trajetória ou PATH (JACKENDOFF, 1990; TALMY, 2001). Assim, em (3) e (4), a extensão física do livro, ou de uma de suas partes pragmaticamente indicada, diz sobre a duração do evento, assim como a quantidade de suco delimita temporalmente o evento de tomar o suco, respectivamente. Já em (1) e (2), o tamanho da bolinha ou do carrinho em nada contribuem para o desenho da duração temporal do evento.

Nossa hipótese é que as crianças, assim como os adultos, não produzem alternâncias como em (3) e (4) em nenhuma das fases de aquisição do PB, mesmo paralelamente a “erros” causativos (FIGUEIRA, 1985; PINKER 1989), como em (5) e (6), em que o primitivo semântico de PATH não entra em jogo:

- (5) Eu corri a perna atrás do mano e machuquei (B. 3; 3.1)
- (6) Ganha quando você chega as quatro peças no meio do ludo (M, 6;11.2)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Os dados longitudinais de fala espontânea deste trabalho fazem parte do *Projeto Construção de Banco de Dados para Estudos em Aquisição de Tempo e Aspecto*, alocado na UFPR, sob a coordenação da profa. Dra. Teresa Cristina Wachowicz. Agradecemos aqui aos alunos e colegas de IC, Aline F. Rodrigues e Leticia Kolberg, pelas sugestões e comentários.

Assim, o primitivo PATH, alocado em posição de argumento direto (tema incremental), constitui-se como uma restrição semântica à aquisição e à produção de alternância causativa do PB.

Essa hipótese inicial foi testada em experimento do tipo “resposta elicitada” (CRAIN; THORTON, 1998), com 74 crianças de 3 a 9 anos, bem como com 10 adultos. A resposta com alternância era provocada por topicalização discursiva depois de exibição de vídeos em situações envolvendo três eventos: *limpar a mesa*, *ler o livro* e *quebrar a bolinha*. Os resultados comprovaram nossa hipótese à medida que a alternância só foi produzida na situação de *quebrar a bolinha*.

Nesse sentido, o artigo está organizado em três seções. Em 1, apresentamos os conceitos, bem como discussões teóricas, envolvidos em nosso trabalho: estrutura argumental, alternância, primitivos semânticos e PATH/tema incremental. Na seção 2, expomos a metodologia de experimentação. Em 3, desenvolvemos os resultados e a discussão comprobatória da hipótese.

## **Percurso teórico: alternância e primitivos semânticos**

Se a hipótese deste trabalho versa sobre restrição semântica do fenômeno da alternância causativa em aquisição do PB, precisamos esclarecer, inicialmente, com quais conceitos de ‘estrutura argumental’ e ‘alternância causativa’ estamos trabalhando na análise. E se a questão é a respeito dos ‘primitivos semânticos’, faz-se igualmente necessário o esclarecimento sobre sua natureza e categorização.

Pode-se definir estrutura argumental como a configuração formada por um verbo e as expressões que o completam para formar um constituinte informativo de evento, tais como seu sujeito e complementos. Diversos tratamentos teóricos procuram explicar a construção da estrutura argumental. Num momento inicial, tem-se a ideia de que a motivação da estrutura argumental é essencialmente sintática (HOEKSTRA; MUELDER, 1990, apud RAPPAPORT; LEVIN, 2005). Já num segundo momento, o tratamento teórico atribui uma motivação lexical para a configuração da estrutura argumental (GRIMSHAW, 1990; TENNY 1994; ROTHSTEIN, 2004).

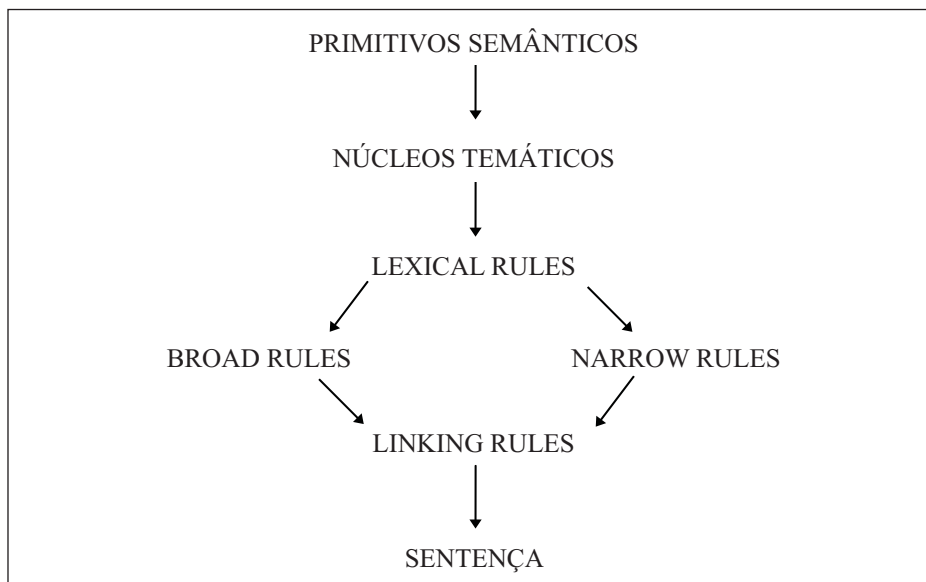
Dentro desta última vertente, os autores passam a se perguntar o que é semanticamente relevante no léxico para a sintaxe. Alguns afirmam que a informação temática é relevante (DOWTY, 1991) enquanto outros defendem

que o aspecto lexical tem um papel determinante neste fenômeno (TENNY, 1994; KRIFKA, 1998). Já, numa terceira via, há autores que conciliam o tratamento do fenômeno sob a influência do aspecto lexical e da informação temática (GRIMSHAW, 1990).

Orientando-se por este último caminho, tomamos estrutura argumental neste trabalho como a realização sintática de uma configuração semântica prévia, ou estrutura semântica (PINKER, 1989) construída no léxico de uma língua por primitivos que atuam na estruturação conceitual da linguagem (TALMY, 2001).

Nesse sentido, todos os verbos possuem primitivos semânticos que regem sua estrutura argumental. Cada verbo possui sua própria estrutura lexical, ou seja, informações que vão definir a maneira como eles serão utilizados numa determinada sentença. Esse fenômeno é conhecido como *Semantic bootstrapping*:<sup>4</sup> há uma estrutura semântica nos verbos que vai determinar suas estruturas sintáticas. Os primitivos semânticos (tais como ACT e PATH) se unem (TALMY, 1985) para dar origem aos núcleos temáticos dos verbos. Os núcleos temáticos, por sua vez, dão origem às regras semânticas que regem o funcionamento dos verbos. Estas se subdividem em dois tipos: as regras lexicais largas e as regras lexicais estreitas. As largas são responsáveis por construções padrão, enquanto as estreitas realizam construções figurativas. É somente a partir das regras lexicais que a sintaxe vai começar a trabalhar com as regras de ligação, regras estritamente sintáticas que vão, finalmente, determinar a construção de uma determinada sentença. Assim, Pinker (1989) defende que a semântica rege a sintaxe, e não o contrário. O esquema abaixo ilustra o movimento do *bootstrapping* semântico defendido por Pinker (1989, cap.7):

<sup>4</sup> O termo *bootstrapping* pode ser traduzido por 'alavanca' (CORRÊA, 2006, p. 24), e pode ser justificado pelo componente gramatical no qual a criança se apóia para a aquisição das estruturas linguísticas.



**Figura 1:** Esquema do Bootstrapping Semântico de Pinker 1989

Uma alternância como (1), repetida abaixo em (7) e (8), carrega anteriormente o primitivo de CAUSA e MUDANÇA DE ESTADO,<sup>5</sup> que se conflacionam em um núcleo temático em (7b). A alternância causativa elimina o primitivo CAUSE da sentença, como em (8):

- (7) a. João quebrou a bolinha.  
 b. *X* CAUSA *Y* MUDAR DE ESTADO para *Z*
- (8) a. A bolinha quebrou.  
 b. *Y* MUDAR DE ESTADO para *Z*

Para a definição de alternância, há igualmente posturas teóricas diferentes. Em um enfoque inicialmente orientado sintaticamente, Levin e Rappaport-Hovav (2005) postulam que a alternância verbal é “o fenômeno em que um verbo admite mais de uma opção de realização argumental e pode

<sup>5</sup> A literatura na área costuma indicar os primitivos em caixa alta e seu nome textual em minúsculas, desde as origens da tradição semântico-lexical (DOWTY, 1979) ou semântico cognitiva (JACKENDOFF, 1990) até as discussões epistemológicas (WECHLER, 1995). Assim, a noção de causa se traduz no núcleo temático como CAUSA.

exibir uma ou mais alternâncias na expressão do mesmo conjunto de argumentos”. Por outro lado, na tentativa de fundamentar cognitivamente o fenômeno, as autoras admitem a diferença entre causa interna e causa externa para justificar a alternância causativa:

An externally caused event is conceptualized as brought about by an external cause with immediate control over the event. The core verbs lexicalizing externally caused events are change-of-state verbs, such as *break*, *open*, or *cool*, which describe an external force or entity bringing about an effect on a second entity. Such verbs always have transitive uses, as in *The wind opened the door*, but they often have intransitive uses which do not make the external cause explicit, as in *The door opened*; these verbs, then, participate in the causative alternation. In contrast, an internally caused event is conceptualized as arising from inherent properties of the entity participating in this event. These properties are ‘responsible’ for the event; no external force is required. The prototypical verbs lexicalizing internally caused event, such as *sing* and *dance*, have an agentive argument with a self-controlled body acting volitionally. [...] Since internally caused events involve only one argument and this argument cannot be externally controlled, verbs denoting such events are intransitive and do not regularly show the causative alternations. (LEVIN; RAPPAPORT-HOVAV, 2005, p. 11-12)<sup>6</sup>

Dowty (2001), por sua vez, admite explicitamente a motivação semântica para as alternâncias, que pressupõem estrutura sintática em que as expressões argumentais têm mobilidade. Porém, o que fundamenta a possibilidade de alternância é a semântica. Em termos simplificados, a alternância não é semanticamente simétrica. Há uma forma considerada mais ‘básica’ ou ‘geral’ que outra. Num exemplo clássico do autor, a alternância *swarm-with*, em que o argumento oblíquo alterna para posição de sujeito, tem uma forma mais básica em (9) e uma forma derivada em (10), que se verifica no PB. O

<sup>6</sup> “Um evento causado externamente é conceitualizado como trazido à tona por uma causa externa com controle imediato sobre o evento. Os principais verbos que lexicalizam eventos causados externamente são verbos de mudança de estado, tais como *quebrar*, *abrir* e *refrescar*, que descrevem uma força ou entidade externa acarretando um efeito em uma segunda entidade. Tais verbos sempre têm usos transitivos, como em *O vento abriu a porta*, mas eles frequentemente possuem uso intransitivo que não deixam a causa externa explícita, como em *A porta abriu*; estes verbos, então, participam da alternância causativa. Por outro lado, um evento causado internamente é conceitualizado como surgido de propriedades inerentes da entidade participante deste evento. Essas propriedades são ‘responsáveis’ pelo evento; nenhuma força externa é requerida. Os verbos prototípicos que lexicalizam eventos causados internamente, tais como *cantar* e *dançar*, possuem um argumento agentivo com um corpo autocontrolado agindo volitivamente. [...] Uma vez que eventos causados internamente envolvem apenas um argumento e este argumento não pode ser externamente controlado, verbos que denotam tais eventos são intransitivos e não mostram regularmente as alternâncias causativas.”

autor metaforizou a alternância *swarm-with* como um efeito de ‘textura’, em que se pressupõe preenchimento de espaço:

- (9) The garden swarmed with bees  
‘O jardim enfestou com abelhas’
- (10) Bees are swarming in the garden  
‘As abelhas enfestaram o jardim’

Neste trabalho, dado que estamos recortando dados de aquisição de alternância e sua restrição semântica, assumiremos com Pinker (1989) a existência desses primitivos advindos de uma representação mental, no desdobramento de uma estruturação semântica que faz estrutura argumental. Logo, há realidade mental para esses fenômenos. Assumiremos igualmente que as alternâncias são motivadas semanticamente (DOWTY, 2001).

Nessa linha teórica, a pergunta mais geral é: quais são os primitivos semântico-cognitivos que têm papel relevante para as estruturas sintáticas?

Responder a essa pergunta é uma tarefa gigantesca, e nem teríamos esse objetivo tão pretensioso e abrangente. No entanto, Talmy (2001) se propõe a apresentar uma teoria de percepção visual que gera elementos semântico-cognitivos que fazem a estruturação conceitual da linguagem. Há uma distinção básica entre as informações semânticas que são pertinentes à sintaxe das que não são. Em (3) e (4), por exemplo, repetidas abaixo em (11) e (12), a informação de que o livro é de papel ou de pergaminho não faz diferença para a constituição temporal do VP. Da mesma forma, se o suco é de morango, e, portanto, vermelho, ou de manga, e, portanto, amarelo, isso não faz diferença para a inferência de que o tempo do evento vai depender do volume de suco no copo. Logo, substância e cor, respectivamente, não são informações semânticas pertinentes às sentenças:

- (11) João leu o livro > \* O livro leu.
- (12) João tomou o suco > \* O suco tomou

No entanto, a informação de que a extensão física do objeto (livro e suco) vai construir a configuração temporal do evento é pertinente. Logo, trajetória (ou PATH) é um primitivo semântico que estrutura a linguagem gramaticalmente.

Essa diferença já foi tratada largamente na literatura. Grimshaw (2005), por exemplo, aloca de um lado o “conteúdo semântico” (substância e cor, por exemplo) e de outro lado “estrutura semântica” (trajetória). Em nomenclatura semelhante, Wunderlich (1997) distingue *semantic content* (conteúdo semântico) de *semantic form* (forma semântica) e Mohanan; Mohanan (1999) (apud SAEED, 2003) empregam os termos *conceptual structure* (estrutura conceitual) e *semantic structure* (estrutura semântica).

Pinker (1989), com base em Jackendoff (1990), formula a “hipótese de representação conceitual irrestrita”, que considera qualquer tipo de informação semântica (e que é, por isso mesmo, refutável) “hipótese do subsistema gramaticalmente relevante”, que elege um conjunto de primitivos pertinentes: “Jackendoff [1990] proposes that there is a set of basic conceptual or ontological categories: Thing, Event, State, Action, Place, Path, Property, and Amount” (PINKER, 1989, p. 176).<sup>7</sup>

Logo, na nossa tradução, INDIVÍDUO, EVENTO, ESTADO, AÇÃO, LUGAR, TRAJETÓRIA, PROPRIEDADE E QUANTIDADE e suas especificações do tipo  $\pm$ contável ou  $\pm$ télico são primitivos semânticos visíveis na sintaxe. A trajetória, na fundamentação perceptual de Talmy (2001), é configurada na visualização de movimento: “When one views an object moving with respect to other object [figure vs. ground], one sees the path it executes as having Euclidean specifics such as exact shape and size” (TALMY, 2001, p. 149).<sup>8</sup>

Em posição de argumento interno, PATH ganha a nomeação de ‘tema incremental’. Numa definição intuitiva, o tema incremental é o objeto direto cuja dimensão construirá a extensão temporal do evento. A relação teórica em jogo é de ‘homomorfismo’, pois o tempo passa à medida que o evento vai se construindo na extensão física do objeto. Dowty (1991) postula o tema incremental como um traço temático que o verbo atribui ao objeto:

Our focus on argument selection will also require to widen our scope to include a new role category I will call INCREMENTAL THEME. [...] The proposal is that the familiar way in which the aspect of telic predicates (accomplishments and achievements) depends on their NP arguments can be formally captured by the

<sup>7</sup> “Jackendoff [1990] propõe que há um conjunto de categorias básicas conceituais ou ontológicas: Coisa, Evento, Estado, Ação, Lugar, Trajétória, Propriedade e Quantidade.”

<sup>8</sup> “Quando alguém vê um objeto mover-se em relação a outro objeto [figura vs. fundo] este alguém vê a trajetória que ele executa como tendo especificidades Euclidianas tais como forma e tamanho exatos.”



principle that the meaning of a telic predicate is a homomorphism from its (structured) theme argument denotations into a (structured) domain of events. ‘HOMOMORFISM’ is a standard mathematical notion which is finding more and more applications in linguistics. (DOWTY, 1991, p. 567, citando HINRICHS, 1985 e KRIFKA, 1987, 1989)<sup>9</sup>

Logo, para esclarecer, estamos assumindo que PATH é um primitivo semântico-cognitivo e ‘tema incremental’ é o nome que PATH tem quando entra em posição de objeto direto (13). PATH pode, por exemplo, ocupar posição de adjunto (14):

- (13) João carregou o caminhão com feno.<sup>10</sup>  
 (14) João pedalou da padaria até o banco.

Retornando à alternância causativa, a literatura postula primitivos conceituais ao fenômeno. Levin (1993), por exemplo, defende que verbos causativizáveis são aqueles que preveem mudança de estado:

They [causative alternations] involve verbs with transitive and intransitive uses, where the transitive use of a verb V can be paraphrased as roughly “cause to V-intransitive”. [...] The verbs undergoing the causative/inchoative alternation can roughly be characterized as verbs of change of state or change of position. (LEVIN, 1993, p. 26-30)<sup>11</sup>

<sup>9</sup> “Nosso foco na seleção de argumentos vai também requerer o aumento do nosso escopo para incluir uma nova categoria de papel que vamos chamar TEMA INCREMENTAL. [...] O propósito é que a maneira familiar em que o aspecto dos predicados télicos (*accomplishments* e *achievements*) depende de seus argumentos NP pode ser formalmente capturada pelo princípio de que *o significado de um predicado télico é um homomorfismo das suas denotações de argumento tema (estruturado) em um domínio de eventos (estruturado)*. “Homomorfismo’ é uma noção matemática padrão que encontra mais e mais aplicações na linguística.”

<sup>10</sup> Dowty (1991) justifica a alternância locativa, em (i), como a neutralização de PATH na segunda sentença:

João carregou o caminhão com feno > João carregou feno no caminhão.

O mesmo fenômeno foi testado em aquisição de estrutura locativa com o verbo ‘encher’ (RODRIGUES; WACHOWICZ, 2010) no PB, como em (ii). Os resultados indicaram que as crianças preferem a segunda sentença, com a substância em posição de objeto direto, ao passo que adultos e crianças acima de 5 anos preferem a primeira:

Ela encheu o copo com suco > Ela encheu o suco no copo.

<sup>11</sup> “Elas (alternâncias causativas) envolvem verbos com usos transitivos e intransitivos, nos quais o uso transitivo do verbo V pode ser paraphraseado como “causa para V-intransitivo”. [...] Os verbos submetidos à alternância causativa incoativa podem ser grosseiramente caracterizados como verbos de mudança de estado ou mudança de posição.”

Já Pinker (1989) postula o efeito holístico (sugestivo para PATH) como primitivo restritor à alternância:

The holism requirement applies to these verbs [adorn, impregnate, infect, load, etc.]: the entire object, and not just a part of it, must be completely covered, filled, or saturated. Rappaport and Levin suggest that the holism effect is actually an epiphenomenon of the fact that the verb specifies a change of state. (PINKER, 1989, p. 78)<sup>12</sup>

Efeitos de estruturas mediais, no que se conhece por “alternância média”, são licenciados pelo fato de a referenciação extensional do evento ser neutralizada pela denotação de hábito (15) ou propriedade (16): “The intransitive variant of this alternation, the middle construction, is characterized by a lack of specific time reference and by an understood but unexpressed agent” (LEVIN, 1993, p. 26).<sup>13</sup>

(15) Esse bolo assa fácil.

(16) Essa casa construiu rápido.

Na esteira de Pinker, vamos assumir a tradução cognitiva de PATH para a restrição holística da alternância causativa. Assim, (1) e (2) alternam porque os objetos diretos não são temas incrementais, ao passo que (3) e (4) não alternam porque os objetos diretos são incrementais. É como se o VP – na relação homomórfica entre verbo e objeto – ficasse tão comprometido com a configuração temporal, em eventos usualmente chamados de *accomplishments* (VENDLER, 1967; DOWTY, 1979; ROTHSTEIN, 2004), que a alternância do objeto fica inviabilizada.

Dadas as assunções teóricas, partimos para a questão central do trabalho: como a criança se comporta diante das alternâncias causativas? Haverá restrição? Por que a criança causativiza<sup>14</sup> com “correr” e “ganhar”, mas não com “ler”, em (5) e (6), repetidos aqui em (17) e (18)?

<sup>12</sup> “O requisito do holismo se aplica a esses verbos (adornar, impregnar, infectar, encher, etc): o objeto inteiro, e não apenas uma parte dele, deve ser completamente coberto, enchido ou saturado. Rappaport e Levin sugerem que o efeito holístico é, na verdade, um epifenômeno do fato de que o verbo especifica a mudança de estado.”

<sup>13</sup> “A variante intransitiva desta alternância, a construção do meio, é caracterizada pela perda de referência de tempo específico e por um agente entendido, mas não expressado.”

<sup>14</sup> Assumimos aqui a noção de CAUSA da formulação da cadeia causal de Talmy (2001), que prevê estrutura de evento causativo complexo em subeventos de movimento de um agente e resulta em objeto:

- (17) Eu corri a perna atrás do mano e machuquei. (B 3;7.11)  
(18) Ganha quando você chega as quatro peças no meio do ludo.  
(M 6;11.2)

Nossa hipótese inicial é que a restrição de PATH para a alternância atua tanto em adultos como em crianças. Nesse sentido, PATH não é um primitivo presente em (17) e (18), e isso possibilita a causativização do incausativizável (verbos *correr* e *ganhar*) na fase dos ‘erros’ infantis, que, no caso da causativização, vai até aproximadamente 7, 8 anos (PINKER, 1989, cap. 7).

Na seção seguinte, apresentaremos os experimentos que desenvolvemos para checar nossa hipótese.

## Metodologia dos experimentos

Para observar as produções de alternâncias causativas no PB, a metodologia experimental utilizada foi a de testagem de *elicited production task* (CRAIN; THORTON, 1998) em 74 crianças na faixa entre 3 e 9 anos. Ou seja, uma tarefa de produção de resposta específica foi provocada através de contexto apropriado.<sup>15</sup> Optamos por provocar contextos com os eventos de “limpar a mesa”, “ler o livro” e “quebrar a bolinha”. O mesmo experimento foi realizado junto a 10 (dez) adultos.

As crianças foram testadas em ambiente escolar, na sala de leitura, em que não havia barulho nem circulação de pessoas. Através de imagens projetadas por um *laptop* e um gravador digital, as crianças assistiam a pequenas cenas e depois eram provocadas com uma pergunta.

No evento de “limpar a mesa”, por exemplo, uma moça com um pano na mão começa a limpar a superfície de uma mesa completamente suja de pó de Nescau até que fique tudo limpo. Em seguida, a entrevistadora perguntava “O que aconteceu com a mesa?”. Com essa estrutura, acreditamos ter topicalizado o indivíduo que tenderia a preencher a posição de sujeito da resposta

---

‘a perna’ e ‘as quatro peças’ dos exemplos (17) e (18), respectivamente.

<sup>15</sup> Embora a proposta de Crain e Thorton (1998) seja versar de forma mais específica a testagem de fenômenos sintáticos, que comprovem a Gramática Universal preconizada pela Sintaxe Gerativa, e que por isso preveem respostas estruturalmente pontuais no método de produção eliciada, nosso objetivo aqui visa fenômenos sintático-semânticos em respostas provocadas com o sujeito previsto no contexto discursivo. Isso justifica parcialmente o leque de respostas diferentes dos nossos sujeitos testados, expostas a seguir.

da criança; no caso, a mesa. No evento de ler o livro, a mesma moça sentada à mesa tem o livro fechado em mãos. A seguir, ela começa a folhear o livro e a simular a leitura com o movimento dos olhos e cabeça. Na última cena, ela fecha o livro e o deposita sobre a mesa. A pergunta da entrevistadora era “O que aconteceu com o livro?”. Na mesma orientação, no evento de “quebrar a bolinha”, um rapaz brincava com uma bolinha e a deixa cair ao chão. A câmera então focaliza a bolinha quebrada. A seguir, vem a pergunta “O que aconteceu com a bolinha?”.

Optamos neste experimento por imagens gravadas em vídeo por acreditarmos serem mais fiéis à percepção visual da criança em relação ao mundo, atendo-se ao conceito de mundo projetado (JACKENDOFF, 1985), a partir do qual os indivíduos constroem linguagem selecionando traços do mundo que resultam em estruturas gramaticais. Imagens em desenho ou animação contêm o apelo ao imaginário, além de serem, usualmente, confusas. Ou seja, os desenhos trazem mais um plano de interpretação do mundo. Nesse sentido, com desenhos, a criança ganha uma dificuldade perceptual a mais: passar a interpretação de seu mundo ordinário ao mundo da imaginação.

Além disso, as imagens de nossos vídeos não traziam qualquer outro tipo de elemento que pudesse funcionar como distrator à resposta, como quadros à parede ou bijuterias e adereços nas vestes dos ‘atores’. Isso se traduz por uma tentativa de controle de contexto fundamental à execução de experimento.

As imagens abaixo sintetizam os vídeos mostrados:

#### A – Limpar a mesa



B – Ler o livro



C – Quebrar a bolinha



Em algumas situações, em que a resposta da criança desviava-se da pretendida, a entrevistadora provocava uma pergunta do tipo “por quê?”, como procedimento de checagem do raciocínio da criança (LOPES, CORREA, 2006).

Após os testes, as respostas foram transcritas para um quadro do seguinte formato:

Nome:		Nascimento:		Idade em 4/8:	
1. Limpar a mesa					
O que aconteceu com a mesa?					
Por quê?					
2. Ler o livro					
O que aconteceu com o livro?					
Por quê?					
3. Quebrar a bolinha					
O que aconteceu com a bolinha?					
Por quê?					

**Quadro 1:** Ficha de preenchimento dos dados gravados

No mesmo experimento, outras cenas foram mostradas, como “assustar com o sapo” e “encher o copo com água”, com o objetivo de testar outras estruturas, como a de verbos psicológicos de sujeito-experienciador e verbos locativos.

## Resultados e discussão

As respostas para o evento de “limpar a mesa” foram bastante variadas, concentrando-se em estruturas como as listadas abaixo:

*E. (3; 9, 26): Ela limpou tudo a mesa que tava suja.*

*P. (3; 11, 29): Ficou limpa.*

*B. (4; 4, 18): Ficou limpinha.*

*A. (5; 3, 25): Ela ficou limpa.*

*V. (6; 1, 17): Ela limpou.*

*R. (7; 3, 25): Ela tava suja e daí ela limpou.*

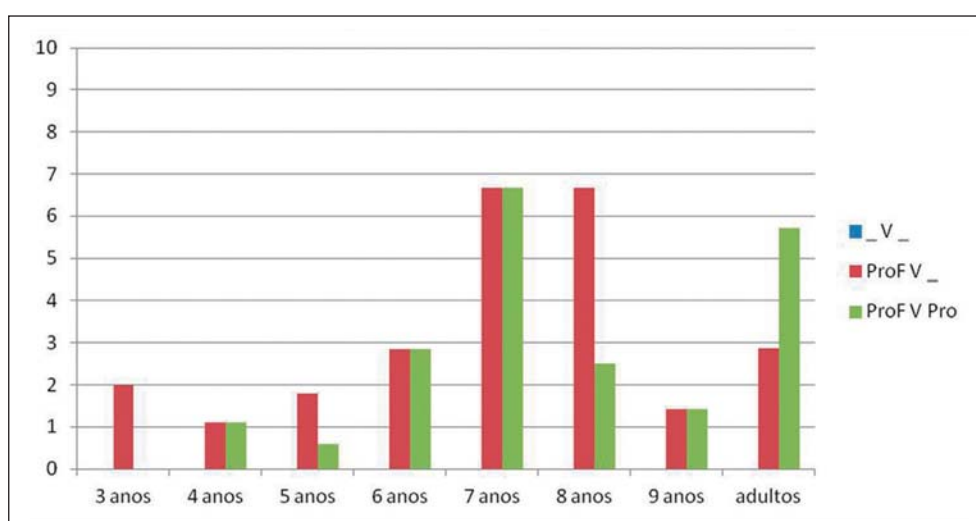
*E. (adulto): Ficou limpa.*

Precisamos observar que “a mesa” e o indivíduo agente da cena têm o mesmo gênero – feminino. Logo, teríamos problema em interpretar o pronome “ela” em “Ela limpou”: a criança estaria referindo-se ao objeto mesa ou ao indivíduo agente? Na literatura, o traço  $\pm$ animado do pronome é restrição para o apagamento do argumento, tanto em posição de sujeito (FERREIRA, 2000) quanto em posição de objeto (LOPES, 2003). Ou seja, em “Ela limpou” tem-se provavelmente a leitura de que “ela” é o indivíduo +animado/ agente. Já em “Ficou limpa”, lê-se preferencialmente que o sujeito é o objeto “mesa” –animado. O resultado oposto foi observado no evento de “quebrar a bolinha”. Uma segunda observação torna-se pertinente nesses dados: a produtiva construção com passivas adjetivais do tipo “ficou limpa”, em que se evidencia a leitura de um resultado do evento. Segundo Ramchand (2008), o dado serve como evidência de que o primitivo ‘*result*’ encontra-se no item lexical de “limpar”.

Para organizar uma sistemática de análise, escolhemos três categorias de estruturas: 1) o item verbal sem preenchimento de argumentos (por exemplo, “limpou”/“ficou limpa”), codificado como  $\_V\_\_$ ; 2) o verbo com sujeito feminino (por exemplo, “ela limpou”/“ela ficou limpa”), codificado como

ProF V\_; 3) o verbo com sujeito e objeto preenchidos, sendo invariavelmente o sujeito feminino (por exemplo, “ela limpou a mesa”/ “ela limpou tudo”), codificado como ProF V Pro.

O resultado para “limpar a mesa”, no gráfico 1 abaixo, tem no eixo vertical a porcentagem de respostas em escala de 0 a 10, lendo-se 0 a 100%. No eixo horizontal, tem-se as faixas de idade. As mesmas notações valem para os gráficos 2 e 3 na sequência.



**Gráfico 1:** Respostas para ao evento de “limpar a mesa”

Percebe-se que a forma do tipo “Ela limpou”, com pronome feminino realizado na posição de sujeito, marcado no gráfico em vermelho, é uma forma preferencial das crianças. Já os adultos preferem formas do tipo “Ela limpou tudo”, em que ambos os argumentos são realizados, o que está marcado em verde no gráfico. Nenhuma criança ou adulto respondeu com uma estrutura do tipo “Limpou”. Isso comprova nossa hipótese de que o traço de tema incremental atribuído pelo verbo “limpar” à “mesa” não licencia a alternância – pelo menos nesse contexto de fala. Seguindo a hipótese de que o traço +animado do pronome é restritor para apagamento, interpretamos as respostas do tipo “Ela limpou”, em vermelho, como sendo estruturas sem alternância, na forma transitiva de sujeito agente.

Com relação ao evento de “ler o livro”, as respostas prototípicas foram as seguintes:

- T. (3; 9, 7): *Acabou de ler a história.*
- B. (4; 4, 18): *Ela leu tudo.*
- J. (5; 9, 27): *Ficou fechado.*
- V. (6; 1, 17): *Ela leu.*
- A. (6; 6, 0): *Ela leu tudo e agora fechou.*
- A. (7; 1, 27): *Ela leu todas as páginas.*
- T. (adulto): *Foi lido.*

Aqui, o gênero do sujeito agente e do objeto são diferentes: feminino e masculino, respectivamente. Quando a posição de sujeito era preenchida, a forma preferencial foi “Ela leu”, o que comprova a restrição do traço +animado para apagamento de argumento. As poucas respostas em que o verbo “ler” aparece sozinho concentram-se em estruturas passivas adjetivas, do tipo “ficou fechado”, especialmente nas crianças, e “foi lido”, na passiva verbal, fundamentalmente em adultos.

Os resultados foram os seguintes:

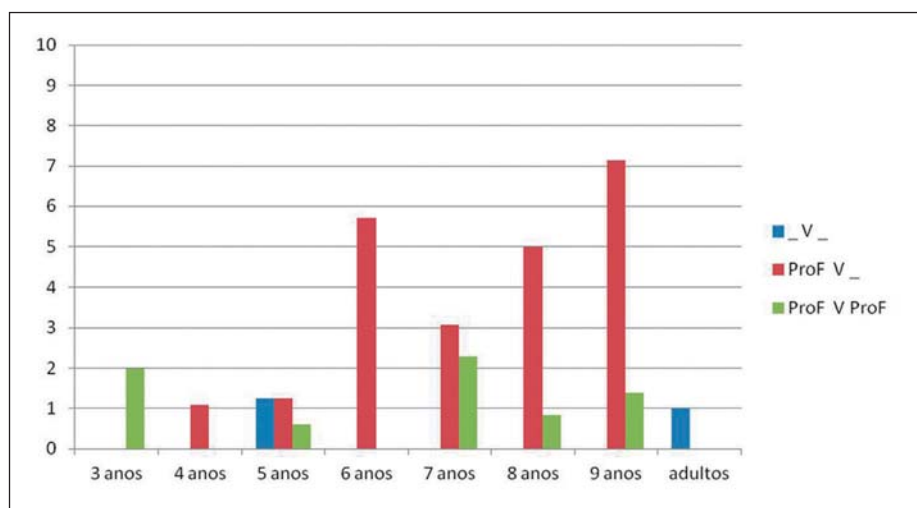


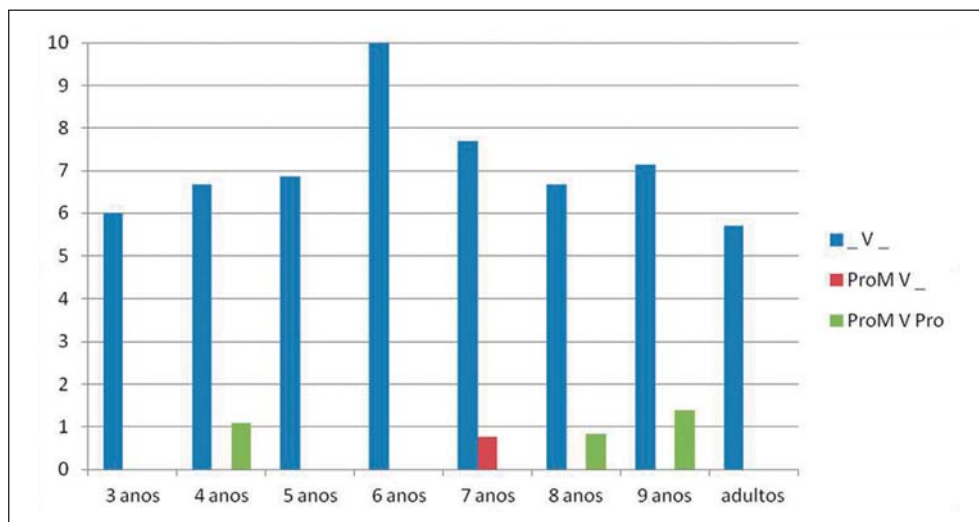
Gráfico 2: Respostas para ao evento de “ler o livro”



Novamente, tem-se uma situação em que nenhuma resposta evidenciou alternância. Nem crianças nem adultos responderam algo do tipo “Ele leu”. Como “livro” é tema incremental na estrutura, carregando o primitivo PATH projetado pelo verbo, fica inviabilizado de ser extraído do espaço do VP, que contém a configuração do aspecto lexical.

Por fim, para o evento de “quebrar a bolinha”, os resultados foram bem diferentes. O sujeito agente é +animado e o objeto afetado é –animado. Isso é fator semântico determinante para o apagamento do participante “bolinha”. Na maioria das respostas, a estrutura foi construída com sujeito apagado, como evidenciam os exemplos de respostas prototípicos:

- J. (2; 9, 5): *Caiu no chão*
- V. (3; 4, 19): *Destruiu.*
- L. (3; 5, 28): *Quebrou.*
- A. (4; 5, 30): *Caiu.*
- I. (4; 9, 16): *Estourou.*
- M. (5; 0, 22): *Quebrou...era um ovo.*
- A. (5; 3, 25): *Quebrou.*
- B. (6; 9, 0). *Quebrou.*
- J. (7; 9, 25): *Ela quebrou.*
- A. (adulto): *Caiu. Quebrou.*



**Gráfico 3:** Respostas para ao evento de “quebrar a bolinha”

Fica evidenciado que a resposta preferencial, tanto de adultos quanto de crianças, é a com argumentos apagados, numa representação em *\_V\_*, marcada em azul no gráfico 3 acima. Se o traço –animado favorece o apagamento de argumento, e se o condicionamento discursivo força a resposta com “a bolinha” na posição de sujeito, através da pergunta “O que aconteceu com a bolinha?”, podemos concluir que houve alternância na maioria das respostas. As poucas respostas sem alternância ficam em estruturas do tipo “Ele deixou a bolinha cair no chão”. O verbo “quebrar” (ou os outros empregados nas respostas, como “estourou”, “caiu”, “espatifou”, etc.) não contém o traço de trajetória PATH. Logo, “bolinha” não é tema incremental, e isso não é restrição para a alternância causativo-incoativa.

### **Conclusão**

O objetivo deste trabalho foi investigar a produção de alternância causativa em crianças de 3 a 9 anos, para testar a hipótese de que tema incremental em posição de objeto é elemento restritor à alternância. Através de experimento de testagem do tipo produção eliciada, três vídeos foram mostrados às crianças: “impar a mesa”, “ler o livro” e “quebrar a bolinha”. Em seguida, a entrevistadora provocava a alternância com uma pergunta topicalizando discursivamente o sujeito: “o que aconteceu com a mesa/ o livro/ a bolinha?”.

Os resultados comprovaram a hipótese de que o traço incremental de “mesa” e “livro” impediu respostas com alternância do tipo “a mesa limpou” ou “o livro leu”, mesmo em estruturas com sujeito pronominal, em que “ela limpou” e “ela leu” eram interpretados como realizações pronominais do sujeito agente, posto que com traço +animado. O evento de “quebrar a bolinha” provocou alternância com estruturas do tipo “quebrou”.

Como as respostas dos adultos acompanharam relativamente o comportamento das crianças, podemos concluir que o primitivo de PATH é restrição semântica atuante no português brasileiro, tornando evidente a relevância dessa questão pontual para a estruturação da gramática. Obviamente outros tantos estudos envolvendo PATH podem ser igualmente reveladores, como a restrição de nominal nu em posição de argumento interno quando portador do traço incremental: “Dinossauro foi descoberto em Minas Gerais”/ \*O cientista desenhou dinossauro depois da descoberta” (PIRES DE OLIVEIRA, 2011).

De forma igualmente óbvia, outras tantas questões podem ser desenvolvidas a partir de dados semânticos de verbos do PB. Há diferentes tipos de PATH na estrutura argumental: verbos de consumição (comer, beber, etc.), mudança de estado (limpar, lixar, pintar, etc.), criação (desenhar, construir, etc.) e trajetória (ler, declamar, percorrer, etc.) (TENNY, 1994). Essas diferenças e seus acarretamentos podem nos evidenciar as diferenças de interpretação entre “A mesa limpou fácil” e “O livro leu rápido”, sugerindo que verbos de trajetória limitam mais a alternância do que verbos de mudança de estado.

Para além do fenômeno da alternância causativa, o papel de PATH na gramática é certamente um recorte teórico que merece análises mais variadas e aprofundadas.

WACHOWICZ, Teresa Cristina; DEROSSO JÚNIOR, Irineu Natal. The Acquisition of the Brazilian Portuguese Causative Alternation **Revista do GEL**, São Paulo, v. 9, n. 1, p. 8-28, 2012.

**ABSTRACT:** *The aim of this work is to analyse the production of causative alternations by children in their language acquisition process. Pinker (1989) defends the hypothesis that there is a semantic structure in the verbal lexicon that determines its syntactic and argument structure. The lexical entrance of the verb is semantically structured and predicts two kinds of rules: the broad lexical rules, conservative, associated with the argument structure configuration, and the narrow lexical rules, transgressive, associated with the figurative cases of both children and adults constructions. Based on these theories, we defend the hypothesis that there is a constraint for verbs, which children are already sensitive to and is associated with the broad rules. These rules block the causative alternation in referential situations in which the direct object receives the semantic-aspectual role of incremental theme (DOWTY, 1991). On the other hand, there is a narrow rule of causativization which allows exceptions such as “Me corre” (B., 3;3,17). We performed an experiment with the elicited production method (CRAIN; THORTON, 1998) with children from two different schools in Curitiba/PR. With non-incremental object, their tendency was to produce unaccusative structures, such as “caiu” (‘fell’), or alternating structure, such as “quebrou” (‘broke’). However, in the incremental situation, there was no production of alternation.*

**KEYWORDS:** *Language acquisition. Causative alternation.*

## Referências

CRAIN, S.; THORTON, R. **A Guide to Experiments on the Acquisition of Syntax and Semantics**. Massachusetts: MIT Press, 1998.

DOWTY, D. The semantic asymmetry of 'argument alternations' (and why it matters), *Making Sense: From Lexeme to Discourse*. In: VAN DER MEER, G.; TER MEULEN, A. G. B. (Ed.) **Groninger Arbeiten zur germanistischen Linguistik**. Groningen: Center for Language and Cognition Groningen, 2001. n. 44. [Note: this is an abbreviated version of a longer paper in preparation.]. Disponível em: <<http://www.ling.ohio-state.edu/~dowty>>. Acesso em: 20 jul. 2011.

\_\_\_\_\_. Thematic proto-roles and argument selection. **Language**, [s.l.], v. 67, n. 3, p. 547-619, 1991.

\_\_\_\_\_. **Word meaning and montague grammar**. Dordrecht: Reidel, 1979.

FERREIRA, M. B. The Morpho-Semantics of Number in Brazilian Portuguese Bare Singulars. **Journal of Portuguese Linguistics**, [s.l.], v. 9, p. 95-116, 2010.

FIGUEIRA, R. A. **Causatividade**: um estudo longitudinal de suas principais manifestações no processo de aquisição de português por uma criança. 363 p. 1985. Tese (Doutorado em Linguística) – IEL, Unicamp, Campinas, 1985.

GRIMSHAW, J. **Words and structure**. Stanford: CSLI Publications, 2005.

\_\_\_\_\_. **Argument structure**. Cambridge, MA: MIT Press, 1990.

JACKENDOFF, R. **Semantics and Cognition**. Cambridge, MA: MIT Press, 1985.

KRIFKA, M. The Origins of Telicity. In: ROTHSTEIN, S. **Events and grammar**. Dordrecht: Kluwer Academic Press, 1992. p. 197-235.

LEVIN, B. **English verb classes and alternations** – a preliminary investigation. Chicago; London: The University of Chicago Press, 1993.

LEVIN, B.; HOVAV, M. R. **Argument Realization**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

LOPES, R. E. V.; CORREA, L. S. **Métodos no estudo de aquisição de linguagem**. Curso de curta duração no I ENAL (Encontro Nacional de Aquisição da Linguagem). PUCRS, Porto Alegre, 2006.

LOPES, R. E. V. Katar, kata, katou: a aquisição do objeto nulo e sua relação com o aspecto. In: CASTILHO, A. T. et al. (Org.) **Descrição, história e aquisição do português brasileiro**. Campinas/SP: Pontes, 2003. p. 673-286.

PINKER, S. **Learnability and Cognition**: the acquisition of argument structure. Cambridge, Massachusetts/London, England: The MIT Press, 1989.

OLIVEIRA, R. P.; ROTHSTEIN, S. Uma semântica para os nominais nus no Português do Brasil. **Revista da Abralín**, 2011.

RAMCHAND, G. C. **Verb Meaning and the Lexicon: a First-Phase Syntax**. Cambridge: Cambridge University Press, 2008.

RODRIGUES, A. F.; WACHOWICZ, T. C. **Aquisição de estruturas locativas no PB**. Apresentação oral no I EXFA (Experimental Psycholinguistics). Campinas: Unicamp, IEL, 2010.

ROTHSTEIN, S. **Structuring Events: a study in the semantics of lexical aspect**. Oxford: Blackwell, 2004.

SAEED, J. I. **Semantics**. Cambridge: Blackwell, 2003.

TALMY, L. **Toward a Cognitive Semantics**. Vol. I e II. Cambridge, Mass: The MIT Press, 2001.

\_\_\_\_\_. Lexicalization patterns. Semantic structure in lexical form. In: SHOPEN, T. (Ed.). **Language typology and syntactic description**. Vol. 3. Cambridge: CUP, 1985. p. 36-149.

TENNY, C. **Aspectual roles and the syntax-semantics interface**. Dordrecht/Boston/London: Kluwer Academic Publishers, 1994.

VENDLER, Z. **Linguistics in philosophy**. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.

WECHSLER, S. **The Semantic Basis of Argument Structure**. CSLI Publications, Stanford, 1995.